

LINGUASAGEM

A FOLIA DO AIRI EM MONTE ALEGRE-PA: RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

Alessandra Maria de MESQUITA¹

RESUMO

O objetivo desse artigo é estudar as relações entre sujeito, língua, cultura e identidade presentes na manifestação cultural da Folia do Airi em Monte Alegre-PA. Trata-se de um estudo bibliográfico e etnográfico subsidiado em Severo (2015) e Freitag (2015). A parte teórica visa discutir acerca da língua como prática social e a pesquisa faz uma descrição da Folia do Airi, apresenta a interseção entre língua, cultura e identidade nessa manifestação cultural, com a pretensão de contribuir no registro de práticas sociais do município de Monte Alegre, Pará.

Palavras-chave: Folia do Airi; Língua; Identidade; Cultura.

ABSTRACT

The objective of this article is to study the relations between subject, language, culture and identity present in the cultural manifestation of Folia do Airi in Monte Alegre-PA. It is a bibliographical and ethnographic study subsidized in Severo (2015) and Freitag (2015). The theoretical part aims to discuss about language as a social practice and the research makes a description of the Folia do Airi, it presents the intersection between language, culture and identity of this cultural manifestation, with the aim of contributing to the register of social practices of the municipality of Monte Alegre, Pará.

Keywords: Folia do Airi; Language; Identity; Culture.

Introdução

Este artigo está vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, Turma 2017, da Universidade Federal do Oeste do Pará. Os estudos da sociolinguística na tentativa de ampliar seus horizontes de pesquisa têm atuado também na relação entre identidade e língua no sentido de ultrapassar o cunho exclusivamente linguístico. Nessa perspectiva, investigações têm sido desenvolvidas com um olhar sobre a identidade local e as práticas sociais manifestadas por grupos de pessoas em comunidades locais.

¹Mestrado profissional em Letras. Universidade Federal do Oeste do Pará, UFOPA, Brasil. E-mail: sandra_m_mesquita@hotmail.com

Assim, abordagens de cunho etnográfico na sociolinguística vêm se concentrando em estudos relacionados a comportamentos linguísticos locais, redes sociais e comunidades de prática. Para isso, propostas de diálogos entre diferentes áreas do conhecimento são cogitadas no intuito de ampliar as visões acerca da realidade política, histórica e social do país a fim de se compreender com maior propriedade a situação linguística.

Diante disso, este artigo é constituído por considerações acerca dos conceitos de língua, cultura e identidade, trata da língua como prática social, apresenta a descrição da Folia do Airi em Monte Alegre-PA enquanto manifestação cultural que identifica uma comunidade local e apresenta discussões referentes a esta prática social e suas tradições.

Considerações sobre língua, cultura e identidade

De acordo com Freitag (2015), a constituição da Sociolinguística Variacionista enquanto campo de pesquisa ocorreu na década de 1960, com a finalidade de desvelar a covariação entre língua e sociedade. Nesse sentido, se a sociedade muda é necessário que os estudos nessa área de pesquisa também sigam as transformações. Diante disso, é preciso esclarecer que muitos fatores têm influenciado as investigações no que concerne à língua, cultura e identidade visto as mudanças sociais que presenciamos. Não obstante, é válida a necessidade de se tornar evidente que as manifestações culturais precisam ser registradas para que as “tradições” historicamente constituídas não se percam no tempo.

Nesse contexto a concepção de língua adotada neste estudo consiste em concebê-la como prática social. Segundo Severo (2015), por essa ótica, a língua equivale a um complexo semiótico mais amplo que ultrapassa a linguagem e envolve outras manifestações como cantos, danças, vestimentas, rezas, entre outros fatores. É, portanto, na prática social que os sujeitos se constituem, seja na relação consigo, seja com os outros e com as instituições.

A partir de suas investigações Eckert (2008 *apud* Severo 2015) afirma que os significados sociais e estilísticos são produzidos e reproduzidos pelos sujeitos em suas práticas sociais. Nesse processo, além da linguagem, diversos recursos inclusive semióticos se integram a fim de produzir sentidos. Nessa perspectiva, “as identidades são vistas como produtos e produtoras das práticas sociais” (SEVERO, 2015, p. 84). Os

usos da língua, por sua vez, surgem, então, contextualizados a essas práticas, as quais estão em constante transformação.

Nesse contexto, considerando identidade e línguas como instâncias complexas e ligadas às práticas sociais, Severo (2015) propõe estudar a língua como prática social baseando-se em fatores como as formas de nomeação, designação, representação imagética e valorização das identidades.

Com relação à cultura, Chauí (2008) afirma que na segunda metade do século XX foram inauguradas as antropologias social e política.

A partir de então, o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendida como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano (CHAUÍ, 2008, p. 7).

A cultura é, pois, uma das maneiras de se identificar uma comunidade local pelos aspectos que a caracterizam enquanto um grupo.

De acordo com Severo (2015), não é possível perceber a construção linguística de identidades por meio de estudos isolados nem de cunho quantitativo. Essa construção é realizada através de um conjunto de traços linguísticos que envolve aspectos semióticos. Vale destacar ainda que tal construto também não está relacionado apenas à consciência do sujeito sobre sua identidade. Há, portanto, três instâncias de validação interligadas quanto à identidade: a auto-identificação (como alguém se identifica), a identificação pelo outro (como se identifica alguém) e a identificação institucional (como os discursos oficiais as identificam).

No que concerne à construção da relação entre identidade e língua, a autora chama atenção para a necessidade de considerar a dimensão local de anexação dos significados identitários, as formas de circulação social e midiática dos significados, e as diferentes formas pelas quais esses significados são interpretados e ressignificados.

A autora explica que em virtude dos diferentes movimentos migratórios que a globalização tem motivado ultimamente, tem-se percebido diversas ações de revalorização da “tradição” no intuito de que determinados significados identitários sejam mantidos ou preservados com a finalidade de que outras gerações tenham acesso a essas riquezas culturais. Entre os fatores que impulsionam a realização de tais ações estão: uma espécie de crise de identidades devido as migrações; movimentos de resistência através da reformulação das identidades locais, registro de memórias; novas identidades híbridas.

Dessa forma, percebe-se um movimento diferenciado da sociolinguística em suas investigações ultrapassando o cunho meramente linguístico e envolvendo também processos sociais e culturais de constituição identitária. Vale destacar a importância desses estudos para o registro das manifestações culturais que formam o povo brasileiro caracterizado pela diversidade e riqueza oriundas da construção histórica dessa nação.

Metodologia

A pesquisa se caracteriza como uma investigação etnográfica por fazer uma “descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo” (SPRADLEY, 1979 *apud* LÜDKE; ANDRÉ 1986). O pressuposto desse estudo fundamenta-se numa hipótese qualitativo-fenomenológica em que o pesquisador precisa exercer um papel subjetivo de participante e objetivo de observador das manifestações culturais do grupo a fim de compreender e saber explicar o comportamento dos foliões do Airi. Assim, três etapas orientaram a pesquisa: a exploração, a decisão e a descoberta.

Primeiramente, houve a escolha do local a ser realizado o estudo, manteve-se contato com moradores da comunidade para entrar em campo e foi elaborado um questionário para entrevista com os participantes do grupo.

Na segunda fase, ocorreu o contato direto com os foliões do Airi, a visita à comunidade, participação de programações realizadas pelo grupo de foliões, aplicação do questionário, entrevista e conversas informais com integrantes da comunidade. Participaram da pesquisa a mantenedora, o 1º caixeiro, uma componente que toca requere e 4 comunitários. Também buscou-se documentos e registros acerca do assunto em questão. Teve-se acesso à lei Nº 5093/2017 que considerou a Folia do Airi como Patrimônio Cultural Imaterial do município e a todo o processo para essa resolução que

a vereadora Lúcia Braga deu entrada na Câmara de Vereadores, onde consta um histórico sobre a manifestação cultural.

A transformação da Folia do Airi em Patrimônio Cultural Imaterial da Cidade de Monte Alegre, especialmente da Comunidade de Aiti, sob o ponto de vista conceitual, é crível e pertinente. Ciente da relevância e da importância da preservação desse patrimônio, é que venho perante Vossas Excelências solicitar apoio dessa casa de Leis, para aprovação desse Projeto de Lei. Na certeza de que, esse instrumento legal fornecerá elementos para a identificação, a preservação e a continuidade dessa forma de patrimônio, assim como de sua disseminação (Projeto de lei N° 003/2017, autoria da vereadora Lúcia Braga).

Na última etapa da pesquisa foi feita a sistematização dos dados produzidos, a descrição dessa manifestação cultural importantíssima para o município de Monte Alegre, porém pouco estudada. Diante disso, a pesquisa etnográfica constitui um caminho pertinente para conhecer um grupo, por isso os procedimentos adotados tiveram nesse tipo de investigação o seu apoio metodológico.

Descrição da Folia do Airi

A Folia do Airi é uma manifestação folclórica da Vila do Airi. A comunidade se subdivide em Airi e Nazaré do Airi, está localizada na PA-255, a 5 km da sede do município de Monte Alegre, Pará, e tem 363 habitantes. O vocábulo airi se refere a uma palmeira nativa do Brasil.

Os cubanos chegaram ao Município de Monte Alegre por volta dos anos 1850 e se alojaram neste lugar que denominaram Airi. Com o passar dos anos os senhores João Evangelista Mendes, José Candido de Matos, Martinha Felícia Pereira, Aniceto Justiliano Batista de Meireles, João Antônio da Rocha, João Batista Fróis, Miguel Arcaño da Rocha e Renovata da Conceição compraram um lote de terras medindo 120 hectares, no total. O povoado foi crescendo e as famílias trabalhavam na lavoura, pesca e com a criação de gado, apenas para a sobrevivência.

Foi construída uma capelinha de palha, onde foi colocada a imagem de São João Batista, doada pela senhora Amélia que residia na comunidade de Menejó. Segundo a Senhora Maria Mendes, o Padre Joãozinho ia da cidade a cavalo celebrar a missa. A religião predominante é a católica, foi introduzida a folia cujo significado é dança ligeira e desordenada, criada pelos cubanos, cantada por uma pessoa e tocada por um único instrumento de música (uma caixa). (...) A Folia do Airi, que foi criada em homenagem a São João Batista, santo padroeiro da comunidade, festejado no dia 24 de junho (Projeto de lei N° 003/2017, autoria da vereadora Lúcia Braga).

A Folia do Airi ocorre duas vezes por ano: em junho, por ocasião da Festa de São João Batista, e em setembro, na Festa de Nossa Senhora de Nazaré. Ambos os santos são padroeiros das duas localidades que formam a Vila de Airi. Nas palavras de uma integrante, “o grupo faz parte das duas igrejas” (1º reque-reque).

Em 2018 o grupo era formado por 13 pessoas sendo uma mantenedora, dois bandeireiros, duas caixas, dois reque-reques e seis querequexés. Há duas mulheres. Porém, segundo um dos foliões originalmente apenas homens poderiam fazer parte do grupo:

No tempo que eu conheci não tinha mulher dentro, não... porque dá o nome de folião, é homem, palavra masculino, né? Então num tinha mulher. Agora, hoje, depois que foi mesmo se acabando... quando eu assumi o cargo de folia a mantenedora era a Dona Raimunda Fosta, de lá passou para a Tia Candinha e daí que passou pra Vitória (Folião - 1º caixeiro).

A tradição segundo o folião era um grupo formado apenas por homens e no ano de 2019 a intenção do 1º caixeiro, que é a pessoa que puxa a folia, é que se voltem às raízes tanto com relação à formação da equipe quanto à questão da vestimenta, a qual no passado era composta de calça branca, camisas de brim manga longa com as bandeiras pintadas nas mangas e quepe, estilo marinheiro. Havia três cores da camisa: vermelha, verde e azul. A cada apresentação era combinada a “farda” que iriam vestir. “Hoje fazem apenas camisa de meia mesmo e usa calça *jeans*” (comunitário).

Vale destacar a hierarquia quanto às tomadas de decisão dentro do grupo que segue a ordem: mantenedor (cuida da ordem e da oferta, responsável pelo grupo, doações e faz o agradecimento), bandeira branca (fica na frente, é o guia), 1º caixeiro (responsável de organizar o grupo e cantar a folia), 2º caixeiro, bandeira vermelha (sempre fica por cima da branca quando se cruzam), reque-reque e querequexé. As funções são dadas segundo o instrumento que a pessoa faz uso.

Assim, entre os materiais utilizados estão duas bandeiras com a imagem de São João Batista sendo uma vermelha e outra branca. Os instrumentos musicais são duas caixas, espécie de tambor feitas manualmente com tronco de árvore e pele de carneiro ou veado; reque-reque ou raspador, confeccionado de bambu, no qual são rasgados sulcos ou dentes percorridos com uma pequena peça do mesmo material; e, querequexé produzido da embaúba oca. Todos esses materiais são produzidos artesanalmente. E, são realizados dois toques com esses instrumentos musicais.

Há três momentos nas festas em que a Folia se apresenta. Em se tratando da Festa de São João Batista, que é a mais representativa dessa manifestação, a primeira aparição da Folia inicia no mês de maio quando o grupo faz os passeios² nas comunidades goiabal, jurunduba, juçarateua, peafú e andirobal, durante três dias pedindo donativos para a festa “é três dias cantando, se mandarem sentar a gente senta, se não, em pé... se tiver comida, come, se não tiver... pedir a gente não pede” (1º caixeiro). Dois dias antes da festa o grupo faz o passeio na própria comunidade arrecadando as oferendas para a festa.

Dia 15 de junho é a abertura da festa. Tem apresentação da folia na alvorada, na procissão e participação intercalada na missa, fazendo a abertura e o encerramento. Há apresentação também neste dia no final da tarde na *levantação do mastro*, quando um tronco de árvore é hasteado no centro da comunidade envolvido com vegetações e frutas penduradas em agradecimento à produção da lavoura e o alimento. O mastro, um dos símbolos da festividade, relembra os folguedos populares das festas religiosas da Península Ibérica, resquícios da colonização europeia.

No que tange à festividade de São João Batista, um aspecto preocupante na manutenção da tradição e dos signos que a caracterizam é a dispersão que o grupo de foliões tem mostrado.

Eu fui cobrado porque falta organização... porque na noite de novena ninguém tava lá... eu fui cobrado, mas eu sozinho não sou folião, eu sou folião com aquele grupo... era pra ter folião pelo menos de duas em duas noite de novena... tem folião que mora lá no arraial... dia 15 eu cantei a alvorada com cinco folião... na missa, cinco folião de novo... (1º caixeiro).

É válida a preocupação do folião devido à preservação dos costumes e que todos os componentes do grupo sejam inteirados, conhecedores dos ritos e cantigas que o grupo executa para que a tradição se mantenha e possa ser repassada a outras gerações. Há uma comunitária – a senhora Carmita – que registra num caderno as informações acerca da manifestação cultural, foi, inclusive, quem repassou o histórico para compor o projeto de lei já mencionado, tem registro de cantorias e informações com relação à história da comunidade.

No dia 25 de junho ocorre a *Derruba do mastro*. A programação inicia por volta das 19h. O andor com o santo e o grupo de foliões se posicionam na frente da igreja em direção ao mastro e cantam enquanto um comunitário sobe no mastro para

² Passear com santo: quando o grupo de foliões sai pelas comunidades pedindo donativos.

distribuir as frutas jogando para o público. Na subida leva a corda para amarrar no topo servindo para controlar a derruba do pau. Essa pessoa também retira a *Bandeira do santo* hasteada no mastro durante toda a festa. Na descida, um dos comunitários pega a bandeira e se responsabiliza a organizar a festa do ano seguinte recebendo o título de *Juiz da festa*. Na sequência, é feita uma fila para as pessoas darem golpes de machado no mastro até este cair. Após a derruba, saem em procissão com o andor, o grupo de foliões, os comunitários e demais pessoas presentes carregando o mastro no ombro.

A procissão passa por dentro da Sede Comunitária e em todas as barracas esfregando o pau nas estacas que as sustentam. Os barraqueiros dão água ardente que após a caminhada da derruba do mastro é colocada num panelão no centro da Praça da comunidade e distribuída entre o público. O percurso se encerra no retorno à igreja, o tronco é deixado na lateral do prédio e os foliões entram para realizarem a finalização da festa. Os foliões saúdam o santo seguindo a hierarquia do grupo e o comando do 1º caixeiro. Inicia com a mantenedora e termina com um tocador do querequexé.

As comidas típicas características do festejo são galinha caipira, tacacá, vatapá, bolo de macaxeira, salada de frutas e rosquinha³. São elementos simbólicos da festa também as barracas de vendas feitas de palha.

Os foliões chamam de versos, folias e cantorias as músicas por eles executadas “tem folia de chegada, tem folia de saída, tem folia de agradecimento quando oferecem alguma coisa, por exemplo, comida... quando oferecem comida, tem que cantar para agradecer” (comunitário). A oferta de comida é feita aos foliões durante os passeios que fazem arrecadando donativos para a festa.

As cantorias se reportam sempre a santos da igreja católica como é possível verificar nas duas folias a seguir:

Cantoria 1:

São Pedro foi para Roma
Com seu mestre ele encontrou
Ao me ver Senhor em Roma
São João é o protetor

Deus nos salve em casa santa
Onde Deus fez a morada
Gloriosos São João
O que vem encher de graça

³ Iguaria considerada, inclusive, patrimônio imaterial do município, trata-se de uma fritura preparada a partir de um beneficiamento especial da mandioca, massa denominada carimã. A rosquinha é produzida pelos comunitários por meio de um processo de imersão do carimã em água quente, temperada com sal.

Cantoria 2:

Glorioso São João
Ele seja nosso guia
Jesus Cristo Rei da Glória
Filho da Virgem Maria

É chegada em casa santa
Onde vos veio visitar
Glorioso São João
Com seus filhos abençoar

Já cantamos, já cantamos
Já cantamos a devoção
Glorioso São João
O que dá nossa bênção.

A primeira é cantada quando a comunidade de São Pedro vai fazer visita na Festa de São João em um dos noitários de novena. A segunda se refere ao padroeiro da festividade.

Portanto, há elementos significativos que caracterizam a Folia do Airi, os foliões, os instrumentos e materiais por eles utilizados, as cantorias, os passeios, a vestimenta, as comidas típicas e a festividade de São João Batista. Em se tratando de cultura montealegrense, essa é uma das manifestações culturais de grande expressividade no município.

Discussões

Com o intuito de registrar essa manifestação cultural como tradição montealegrense a Folia do Airi foi considerada patrimônio imaterial do município através da Lei Nº 5.093/2017 em 23 de maio de 2017. A preocupação da oficialização se deu após as cuias pintadas que deram nome ao povo de Monte Alegre como pinta-cuia ser adotada por Santarém, cidade vizinha, e registrada como patrimônio daquele lugar.

Sendo a manifestação cultural uma forma de expressão humana, a Folia do Airi expõe por meio de seus ritos religiosos, costumes de uma tradição que remonta a presença do colonizador europeu nas terras brasileiras. Trazido pelos portugueses o catolicismo se fixou no país juntamente com um calendário religioso marcado pelas festas de santo com celebrações, procissões e festejos. A Folia do Airi é uma demonstração dessa tradição religiosa que vem se propagando na história.

As duas bandeiras que encabeçam o rito são colocadas em forma de cruz – símbolo do cristianismo – e lembram as Cruzadas, as quais consistiram em expedições

militares religiosas promovidas por adeptos da Igreja Católica entre o final do século XI e o século XIII, na idade média. Para os foliões essas bandeiras simbolizam o santo.

Na culinária se evidencia a herança indígena que também é parte constitutiva dessa cultura com os alimentos feitos a partir de derivados da mandioca como o tacacá que usa o tucupí, o jambu e o carimã no preparo da rosquinha.

Segundo os componentes do grupo havia folia em outras comunidades como jurunduba, pariçó e juçarateua e faziam o “encontro de imagem”, quando os grupos das várias comunidades se encontravam com suas imagens de santo nas festas religiosas. Hoje, resta a Folia do Airi.

A Organização das Nações Unidas para educação, Ciência e Cultura – Unesco, define como **Patrimônio Cultural Imaterial**: “ as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”.

Apesar de tentar manter um senso de identidade e continuidade, este patrimônio é particularmente vulnerável uma vez que está em constante mutação e multiplicação de seus portadores. Por esta razão, a comunidade internacional adotou a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial em 2003. Essa convenção regula o tema do patrimônio cultural imaterial e, assim, complementa a Convenção do Patrimônio Mundial, de 1972, que cuida dos bens tangíveis, de modo a contemplar toda a herança cultural da humanidade (Projeto de lei Nº 003/2017, autoria da vereadora Lúcia Braga).

É preciso manter a simbologia da folia com os signos que fundamentam a tradição para que novas gerações tenham acesso a essa cultura. “Há um conjunto de traços linguísticos, juntamente com outros elementos semióticos, que atuam na construção de uma dada identidade” (SEVERO; NUNES, 2015). Percebe-se que o processo de construção de uma identidade que perpassa pelas três instâncias auto-identificação, identificação pelo outro e identificação institucional já ocorre quanto à Folia do Airi. Contudo, há poucos registros.

Considerações Finais

Este estudo proporcionou o conhecimento de parte do patrimônio cultural de Monte Alegre, Pará, através da Folia do Airi. Os ritos dessa manifestação cultural têm suma importância para a cultura local e precisam ser conhecidos, registrados e difundidos como forma de valorização dos costumes e das tradições do povo pinta-cuia.

Com a pesquisa foi possível perceber que apesar da Folia do Airi ter sido considerada patrimônio cultural imaterial do município, é preciso ainda um maior apoio do governo municipal e da comunidade, assim como do grupo de foliões no sentido de resgatar as raízes. Se pelo processo de hibridização, modificações que ocorrem de forma comum nas tradições devido a mudança dos tempos e a inserção de novos costumes houver transformações nesse patrimônio, mas faz-se necessário um empenho para manter viva a cultura local, organizar o grupo e divulgar uma das poucas manifestações dessa espécie que ainda perduram no município.

A pesquisa apresentada trouxe uma discussão acerca da dimensão social de um grupo, para tanto, fez uma abordagem baseada numa comunidade de prática, evidenciou as potencialidades locais e a importância das relações identitárias construídas, vinculadas à tradição e prática linguística com foco nas cantorias ou folias, assim como o grupo identifica. As reflexões perpassam pelo papel do sujeito na prática linguística, o folião, a sua função dentro da manifestação cultural e a relevância para que se identifique, conheça e se mantenha a tradição. “Se acabar a folia, acabou a tradição da comunidade” (1º caixeiro).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. Revista latinoamericana de Ciências Sociais. Ano 1, nº 1 (jun. 2008). Buenos Aires: CLACSO, 2008. ISSN 1999-8104.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine, Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. SP: EPU, 1986.

MONTE ALEGRE-PA. **Lei Nº 5.093/2017**. Considera como patrimônio cultural imaterial do município de Monte Alegre, Estado do Pará a Folia do Airi e adota outras providências. Monte Alegre-PA, 2017.

MONTE ALEGRE-PA. **Lei Nº 003/2017**. Considera como patrimônio cultural imaterial do município de Monte Alegre, Estado do Pará a Folia do Airi. Monte Alegre-PA, 2017. Autoria da vereadora Lúcia Braga.

Como referenciar este artigo:

MESQUITA, Alessandra Maria de. A folia do Airi em Monte Alegre - PA: relações entre língua, cultura e identidade. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.31, n.1, jul./dez. 2019 p. 57-68.

Submetido: 17/09/2018

Aprovado: 27/09/2019